

Soja

Futuro incerto

A comercialização da soja da safra 2005/06 segue no mesmo compasso da anterior, para desgosto de produtores e indústrias de esmagamento. As margens de processamento do setor, que são bem apertadas, entre 2% e 3%, estiveram 'no vermelho' durante a maior parte do exercício. As operações de muitas unidades foram encerradas, algumas, em caráter definitivo, outras, de forma temporária, com a antecipação dos trabalhos de manutenção. Com justa razão, o futuro da cadeia produtiva está em questionamento.

A arrancada acelerada da oleaginosa, a reboque de preços internacionais fortalecidos e câmbio favorável, entre 2001 e 2004, teve abrupta parada. O Brasil se consolida na produção e exportação de grãos e perde investimentos para Argentina, Ásia e Leste Europeu. No farelo e óleo, de maior valor agregado e com

a possibilidade de oferecer melhor rentabilidade, os embarques nacionais perdem participação mundial.

Os prognósticos de curto prazo divergem. Pelos estudos do MAPA, até 2007, com uma exportação de 26 milhões de toneladas de grãos de soja, o Brasil poderá superar os EUA (25 milhões de toneladas) e se tornar o primeiro no *ranking* mundial. Mas pela previsão ainda prematura da safra 2006/07, enquanto a área de plantio fica estagnada nos Estados Unidos, depois de expandir neste ano, há crescimento na Argentina, com nova retração em áreas brasileiras.

Farelo e óleo

Como a Argentina goza de menores custos e melhor câmbio para operar no processamento de farelo e óleo, o Brasil depende de prêmios no mercado interno para fechar negócios. Sobra apenas o preço do grão. O crescimento da produção nacional de carnes ameniza a situação, à medida que cria uma demanda adicional aos derivados.

Na visão de médio prazo das indústrias, a capacidade nacional instalada para a industrialização do grão de soja é suficiente para atender ao consumo doméstico e, até mesmo, ao desenvolvimento do biodiesel. Do lado das exportações, ficará menor o peso do farelo e do óleo na balança nacional.

Na condição de segundo maior produtor de soja, atrás dos EUA e na frente da Argentina, o Brasil desenvolveu uma estratégia fracassada, como sucedeu no café, de ser apenas um provedor mundial de matéria-prima, sem participar na ge-

ração de receita com produto industrializado. Neste campo, estima-se que o Brasil perca US\$12 bilhões para a Argentina.

De acordo com as estatísticas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos para o período de 1996 a 2006, no complexo da soja, a participação do Brasil cresceu de 12% para 41% nos grãos, caiu de 47% para 34% no farelo, e de 44% para 31% no óleo. Já a Argentina evoluiu de 7% para 16% nos grãos, de 32% para 52% no farelo e de 16% para 62% no óleo.

De 1995 a 2004, a produção nacional de grãos aumentou aproximadamente 92%, enquanto a capacidade instalada passou de 116 mil toneladas/dia para 132 mil toneladas/dia, ou seja, 13%, segundo a Associação Brasileira de Óleos Vegetais. Mas a Argentina, com uma produção abaixo de 40 milhões de toneladas, chega a uma capacidade de processamento de 22,7 milhões de toneladas/dia.

Algumas grandes corporações estão inclinadas a entender o Brasil no papel de fornecedor de matéria-prima, e a Argentina, como processadora. Essa posição deriva das vantagens comparativas existentes nas áreas logísticas e cambiais.

A exportação de grãos ocorre durante o ano todo e muda as variáveis de influência no preço interno, no segundo semestre. Como a soja em estoque é disputada para exportação, sofre a sinalização da Bolsa de Chicago. Anteriormente, não havia essa relação, porque a demanda era, praticamente, apenas a interna. As exportações para a China durante o segundo semestre triplicaram, de 2003 a 2005.

Brasil central

Diante do menor espaço ocupado pela industrialização no complexo da soja, o produtor perde a opção de venda para o mercado interno e fica na dependência da exportação.

Tradicionalmente com um braço externo longo nas exportações de seus derivados, na escolha da localização de uma

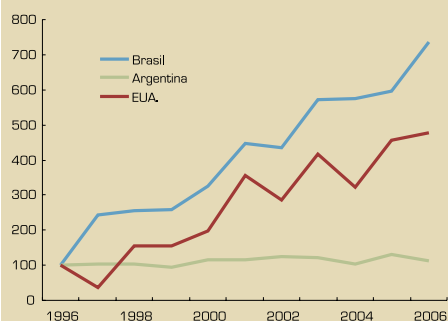
Brasil: capacidade de moagem de soja (mil toneladas por dia)

Estado	1995	2004
Paraná	35,37	31,77
Mato Grosso	8,33	20,60
Rio Grande do Sul	29,00	19,40
Goiás	9,00	17,22
São Paulo	13,56	14,95
Mato Grosso do Sul	6,98	7,30
Minas Gerais	4,30	6,40
Bahia	2,60	5,34
Santa Catarina	5,08	4,03
Piauí	0,26	2,36
Amazonas	-	2,00
Pernambuco	0,60	0,40
Distrito Federal	1,00	-

Fonte: ABIÓVE

Exportação de soja em grãos

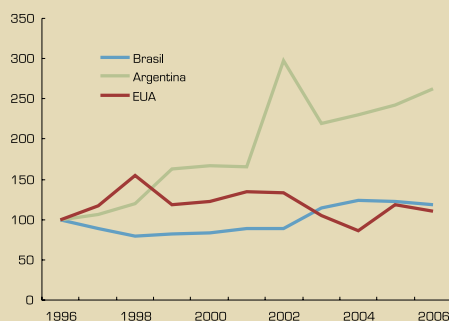
(base 1996 = 100)



Fonte: USDA

Exportação de farelo de soja

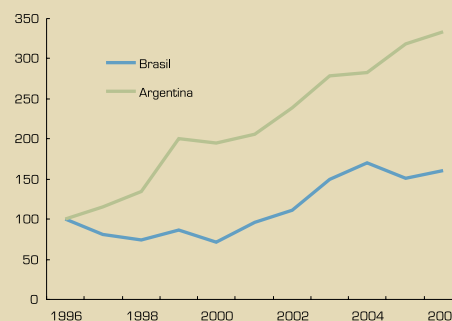
(base 1996 = 100)



Fonte: USDA

Exportação de óleo

(base 1996 = 100)



Fonte: USDA

planta industrial de soja, são levados em consideração a proximidade da oferta de matéria-prima e a localização dos portos. Nas últimas décadas, com o avanço da oleaginosa em áreas do Brasil Central, muitas empresas migraram da região Sul para lá.

Na verdade, com a aprovação da Lei Complementar nº 87, conhecida como Lei Kandir, o Congresso Nacional liberou o agronegócio do pesado ônus do ICMS nas exportações. Entretanto, no complexo da soja, a desoneração não foi completa no farelo e na soja, como ocorreu no grão.

Muitas vezes, a indústria localizada em um estado precisa adquirir matéria-prima em outra unidade da federação, para realizar o processamento. Um redirecionamento para atender à demanda industrial onde a oferta de grãos é inferior. Essas transferências interestaduais estão sujeitas ao pagamento de 12% de ICMS.

O problema é que as indústrias estão impossibilitadas de utilizar o crédito cor-

respondente (12%) ao crédito pago na aquisição da matéria-prima, porque, nas operações seguintes:

- O farelo e o óleo estão isentos, na exportação;
- Na venda interna, o farelo é contemplado de modo diferenciado, e o óleo, integrante da cesta básica, tem sua base de cálculo reduzida para 7%.

O acúmulo estrutural de créditos de ICMS enfraquece a saúde financeira da indústria, pois imobiliza capital de giro para gerar mais produção. Além disso, a recuperação dos créditos é morosa, burocrática e sofre deságio.

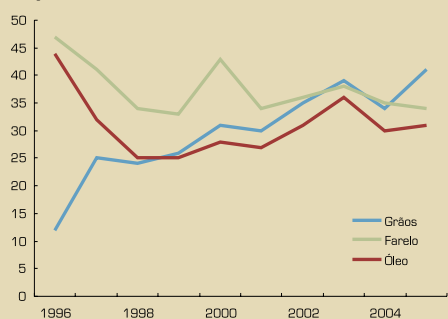
Uma das soluções é o Conselho de Política Fazendária-Confaz negociar com os estados integrantes a suspensão do ICMS nas transferências de matéria-prima, condicionadas à exportação correspondente de farelo e óleo de soja. Essa solicitação não foi acolhida pelos órgãos estaduais.

Se a soja é o carro-chefe da produção nacional de grãos e vital para o desem-

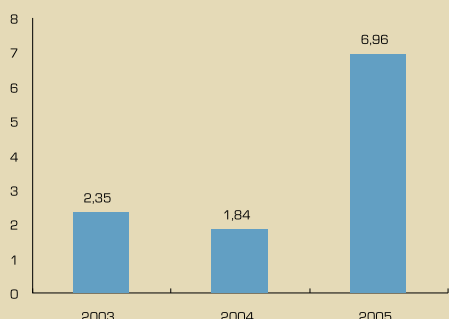
penho do agronegócio brasileiro, cabe todo um tratamento especial por parte das autoridades públicas. Qualquer atraso na definição de medidas para dar um tratamento mais competitivo na logística e tributação na cadeia produtiva da oleaginosa significa perda de investimento e reposicionamento das corporações em países concorrentes.

Por outro lado, a Argentina penaliza as exportações de grãos com uma taxa de 23,5% e pratica uma alíquota mais branda para os produtos industrializados, de 20%. Existe ainda o "reintegro", um benefício fiscal às exportações de óleo bruto e refinado.

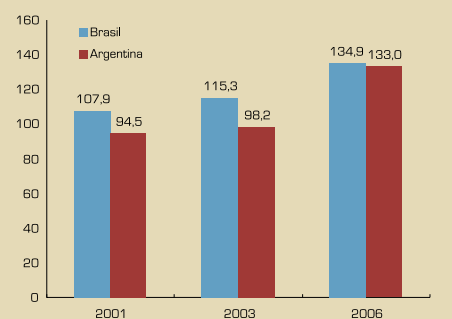
É uma falta absoluta de prioridade política diante da perspectiva de o Brasil suplantando os EUA, maior produtor desde 1964. Na produção de soja prevista para a safra 2014/15, a colheita nacional estará em 95 milhões de toneladas, e a dos norte-americanos, em 87,6 milhões de toneladas. ■

Brasil: participação nas exportações mundiais (em %)

Fonte: USDA

Brasil: exportação de grãos para a China (milhões de toneladas - 2º semestre)

Fonte: USDA

Capacidade de moagem de soja (mil toneladas por dia)

Fonte: ABIOVE